

O MOVIMENTO DE REARMAMENTO MORAL

PE. LUÍS PECCI

A difusão que vem tendo entre nós o Movimento de Rearmamento Moral reclamava uma elucidação a respeito de sua origem, sua natureza, seu conteúdo doutrinário, seus métodos, e da atitude a assumir pela consciência católica. O presente artigo, de caráter informativo, pretende responder a estas questões. Revela profundas divergências doutrinárias entre o movimento e o catolicismo, embora reconheça campos de ação comum. Uma colaboração não seria possível, enquanto fôsse pretexto para aliciamento proselitista. Não seria possível, num clima de confusão ideológica intencional, propício a um sincretismo religioso inaceitável com pretensões a certo messianismo profético. A colaboração somente será possível em termos de absoluta lealdade, isto é, no reconhecimento explícito e no respeito mútuo das divergências doutrinárias.

O MOVIMENTO de Rearmamento Moral, como nenhum outro congêneres talvez, propagou-se extraordinariamente por quase todos os países do mundo, principalmente nestes últimos anos. No momento atual, parece ser o Brasil uma das nações preferidas no trabalho "missionário" dos propagandistas do movimento. O livro de PETER WARD, publicado em tradução portuguesa pela Editôra Saraiva, conheceu uma rápida difusão. Não faz muito quase todos os principais jornais do Rio de Janeiro estampavam em suas páginas um grande manifesto da comissão do Rear-

mamento Moral, conclamando os brasileiros a uma adesão franca ao movimento apresentado como o "único meio de fazer frente, na atual conjuntura, ao comunismo ateu". "Ou o Rearmamento Moral ou o Caos", é um dos *slogans* mais freqüentemente usados nas publicações oficiais.

O convite a uma participação no Movimento é dirigido, no Brasil, de modo especial aos católicos, os quais, quando suficientemente instruídos na sua religião e desejosos de obedecer em tudo e por tudo à orientação da hierarquia eclesiástica, sentem que se defrontam com um problema de consciência que não pode ser resolvido à base de um entusiasmo fácil, suscitado pela simpatia para com os altos ideais visados pelo Rearmamento Moral.

Um problema de consciência, de índole religiosa, só pode ser resolvido à luz da Religião, e, em se tratando de religião católica, o único meio de acender essa luz é recorrer aos ensinamentos daqueles que "o Espírito Santo colocou para regerem a Igreja de Deus". O presente artigo visa a esclarecer os católicos sôbre a atitude a tomar, em face da propaganda do Movimento de Rearmamento Moral.¹

ORIGENS DO MOVIMENTO

Os Estados Unidos têm sido, nos últimos decênios, terreno fértil para movimentos de ressurgimento espiritual dentro das diversas seitas protestantes. Êsses movimentos, via-de-regra, são provocados por homens que se julgam chamados por Deus e dotados de dons carismáticos para revitalizar os sentimentos religiosos já quase apagados nos corações dos crentes. Nesta obra de "reavivamentismo" há um processo idêntico de "rebelião contra a "igreja mãe" acusada de desvios doutrinários e perda do "primitivo fervor" e de difusão de "uma mensagem" à multidão ou a uma minoria escolhida. O "profeta" procura infundir um profundo sentido do pecado, o qual, confessado publicamente, às vêzes de maneira patética, acarreta em conseqüência uma "explosão" de alegria espiritual manifestada não poucas vêzes com gritos, aleluias, danças, etc. A seguir, vem

¹ Para informes mais detalhados, consultar os artigos do PE. DAMBORIENA, in "*Civiltà Cattolica*" 1958, nos quais nos inspiramos largamente neste trabalho.

o trabalho da regeneração cristã ou do "retôrno ao cristianismo primitivo", caracterizado no seu aspecto negativo pelo abandono de grande parte da herança doutrinária da "igreja" anterior e positivamente pela interpretação individual do conteúdo dogmático dêsse "cristianismo primitivo". Vem em último lugar a obrigação de expandir o novo movimento, de fazer adeptos, de fazer proselitismo. De tôdas estas características dos movimentos reavivamentistas dentro do protestantismo, a mais constante entre todos êles, a que constitui uma verdadeira nota tônica, é a preocupação pelo retôrno ao cristianismo primitivo. Esta preocupação significa também que "a igreja mãe" em parte se desviou dêsse cristianismo primitivo, se tornou herética.

É nesse quadro religioso que se situam as origens do que se chama hoje "Movimento de Rearmamento Moral". Escritores e teólogos protestantes americanos são unânimes em classificá-lo como um típico movimento de reavivamentismo, distinguindo-se dos outros pelo seu caráter liberal no que tange ao conteúdo doutrinário. Êste "absoluto desinterêsse pelos dogmas"² tornou-se verdadeira necessidade para o Movimento de Rearmamento Moral no momento em que seu fundador BUCHMAN quis estendê-lo a tôdas as categorias de pessoas provenientes de todos os credos religiosos e até mesmo aos pagãos. Para o teólogo protestante inglês HORTON DAVIES, professor de Oxford, a diferença que existe entre o Movimento de Rearmamento Moral e demais movimentos reavivamentistas é que aquêle suprimiu o esoterismo que caracteriza os últimos e se desinteressou do aspecto dogmático. Mas, nisto mesmo, êle se colocou em posição de inferioridade porque, diz DAVIES, "a vida sem doutrina é tão inútil como a doutrina sem vida. Os frutos éticos pressupõem raízes teológicas e a justificação é um pré-requisito da santificação".³

O FUNDADOR

O fundador do Movimento de Rearmamento Moral é FRANK N. BUCHMAN, nascido em Pennsburg, Pennsylvá-

² *An Encyclopedia of Religions*, Nova York, 1945, pág. 554.

³ *Christian Deviations*, Nova York, 1954, pág. 100.

nia, Estados Unidos, aos 4 de junho de 1878, de pais luteranos, suíços alemães de origem. Após estudos em vários seminários teológicos protestantes, foi "ordenado" pastor luterano, exercendo o seu ministério na paróquia de Filadélfia. Em virtude de desentendimento com os maiores da igreja de Filadélfia, BUCHMAN abandonou suas funções sagradas e viajou para a Inglaterra, buscando o centro reavivamentista de KESWICK, em busca de uma autêntica experiência religiosa, de um choque "de conversão" que até então não tivera. KESWICK, com sua "técnica toda especial" de conversão, em que não faltavam métodos empregados na Igreja Católica, como os retiros espirituais, marcará toda a vida de BUCHMAN. Em 1908 êle teve o seu grande choque espiritual ao ouvir a confissão de uma mulher sobre as transformações operadas em sua alma pela Cruz de Cristo. BUCHMAN sentiu então vivamente a sua condição de pecador e o imenso desejo de ser salvo. Sentiu-se mudado completamente. "Aquela experiência da Cruz fez de mim um revolucionário", dirá êle mais tarde. Após esta experiência religiosa, BUCHMAN retornou aos Estados Unidos e pôs-se a serviço de alguns dos famosos pregadores evangélicos da época, entre êles JOHN MOTT, BILLY SUNDAY, e SHERWOOD EDDY, com os quais acabou de amoldar a sua própria personalidade religiosa e principalmente os seus métodos de trabalho. De MOTT herdou o espírito liberal em matéria dogmática, a facilidade de tratar e convencer a juventude e o jeito de cativar as pessoas influentes no intuito de angariar donativos para suas obras. Percorreu então muitas cidades dos Estados Unidos em sua faina de pregador e em companhia de EDDY visitou os países do Oriente, estagiando na China, onde entrou em contato com protestantes e pagãos. A China despertou nêle a "vocaçào universalista", o desejo de atingir com seu método de trabalho de conversão não só cristãos, mas também os pagãos. Dirigiu-se para Oxford, onde julgava encontrar o "melhor campo para operar uma revolução cristã".

RETORNO AO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Em Oxford procurou atrair para seu movimento principalmente os alunos e professores, conseguindo bons resul-

tados, a ponto de ser tido como “a luz que Deus enviava à Universidade”. Fatores de simpatia eram, sem dúvida, o liberalismo doutrinário e a inovação no método de trabalho, isto é, a substituição das pregações do púlpito por conversas individuais ou com grupos em casas de família. Regressou em 1921 aos Estados Unidos, onde participou da conferência de desarmamento. Foi então que julgou ouvir a “voz silenciosa” que lhe inspirava a idéia de abandonar qualquer outro tipo de atividade para consagrar-se por inteiro à organização do movimento. Pensou no nome a dar a êste, e achou como mais indicado o de “Movimento dos Seguidores do Cristianismo Primitivo (First Century Christians)”. No primeiro decênio após esta decisão, a atividade de BUCHMAN concentrou-se quase exclusivamente na formação de dirigentes que se tornassem depois seus colaboradores. Êste trabalho se desenvolveu de novo na Inglaterra, nos meios universitários de Oxford e Cambridge. Dois eram então os métodos empregados: o do Diálogo e o dos “House-parties”.

DIALOGO

Em longas conversas individuais, BUCHMAN pintava em côres vivas as “horribéis conseqüências do pecado”, até obter do seu interlocutor a “submissão” (*surrender*) e, afinal, a sua “mudança” ou “conversão” (*change*). No caso de resistência, BUCHMAN lançava mão de todos os recursos psicológicos hauridos em seu longo trato com a juventude, anos atrás, nos Estados Unidos.

House-parties eram reuniões em casas de família, num ambiente agradável onde se encontravam jovens em geral da mesma idade e do mesmo nível cultural. De início, o assunto era indiferente: política, questões sociais, econômicas, etc., até que BUCHMAN ou um buchmaniano presente introduzia um tema religioso, mudando assim a orientação da conversa. Explicavam-se os princípios do movimento, acentuava-se a imensa alegria da alma após a conversão e eram todos, então, convidados a “guardar um minuto de silêncio” para ouvir a “voz do alto” e anotar as próprias inspirações. Era raro quem não saísse dali inteiramente conquistado para a causa de BUCHMAN e decidido a ser, por sua vez, um pro-

pagandista. Entrementes, BUCHMAN, em sucessivas viagens aos Estados Unidos, procurava conseguir a adesão principalmente das pessoas influentes no campo político e econômico, e obteve êxito nesses seus esforços.

OS GRUPOS DE OXFORD

Lançadas oficialmente as bases do seu movimento, o fundador pensou em dar-lhe novo impulso em profundidade e expansão. Foi êste o sentido de suas andanças, a partir de 1927, até praticamente as vésperas do segundo conflito mundial. Começou a dar importância cada vez maior ao trabalho das *house-parties* e adotou também o método de pregações em praças públicas, nos cinemas, nos mercados, nos teatros, etc. Decidiu transpor as fronteiras da Inglaterra e propagar seu movimento pelos outros países da Europa e de outros Continentes. Sua mensagem, então — em virtude mesmo do seu intento de universalidade — tinha um duplo caráter: religioso e político-social. BUCHMAN tencionava já uma transformação não só dos indivíduos mas também das nações, principalmente das nações européias, feridas ainda pelas chagas da I Guerra Mundial e sentindo o espectro de um novo cataclisma. No ambiente europeu, qualquer mensagem de “Paz internacional” ou “Fraternidade entre os povos” era muito bem recebida. Foi dentro dessa orientação que o ex-pastor luterano lançou o seu movimento pelo mundo. Acompanhado de equipes de jovens universitários de Oxford, fêz uma viagem triunfal pela África do Sul — terreno propício para qualquer tentativa de reconciliação racial. Os sucessos foram além da expectativa. O movimento foi designado pelos sulafricanos como Movimento dos Grupos de Oxford. O nome foi bem aceito por BUCHMAN, uma vez que o prestígio da famosa universidade acabaria redundando em glória para o movimento. Nos Estados Unidos, homens famosos como o Presidente HOOVER, HENRY FORD, Juizes da Côrte Suprema, aderiram ao movimento. O Canadá, os países escandinavos, a Holanda, o interior da Inglaterra e da Irlanda foram perlustrados pelas equipes de Oxford. O movimento era apresentado como a ‘única esperança do mundo’.

Examinando-se esta segunda fase do movimento sob o ponto-de-vista dogmático-religioso, não se nota diferença de monta com relação à primeira fase. No mundo protestante, os Grupos de Oxford eram considerados como mais um movimento de reavivamentismo, com técnicas peculiares que o tornavam atraente e sedutor. O conhecido teólogo protestante suíço EMÍLIO BRUNNER classificava os Grupos de Oxford como "a organização providencial capaz de salvar o cristianismo do naufrágio". Às técnicas de conquista também não diferiam das técnicas anteriores. Por essa ocasião, tanto entre os católicos como entre os protestantes começaram a surgir as primeiras críticas contra a natureza e o intenso proselitismo do movimento de Oxford. BUCHMAN defendia-se dizendo que não queria instituir nenhuma seita nova mas apenas uma igreja dentro das igrejas (protestantes) (*an inner church*). Mas o cataclisma da II Guerra ameaçava a vida da Europa. BUCHMAN pensava seriamente na possibilidade de atrair para sua causa HITLER e STALIN, libertando assim o velho Continente dos horrores de um novo conflito armado. Concebeu, então, novo tipo de programa para o seu movimento. Um programa de índole acentuadamente moral, destinado à salvação da sociedade, e que encerrasse uma plataforma mais aceitável pelos indiferentes, socialistas ou pagãos, sobre os quais um programa totalmente cristão não exerceria nenhum atrativo.

O MOVIMENTO DE REARMAMENTO MORAL

O novo nome foi dado ao movimento pelo escritor suíço HARRY BLOMBER e aceito oficialmente por BUCHMAN em 1938. Sob esta epígrafe, tencionava êste nada mais nada menos que uma verdadeira transformação do mundo, "novos homens, novas famílias, novas indústrias, novas nações, um mundo novo", como êle proclamava. "Homens embebedos de Deus" era o que desejava. "O movimento de Rearmamento Moral é uma falange de homens guiados por Deus que declararam guerra ao egoísmo. Tôda a pessoa deveria ouvir a voz de Deus. A coisa mais normal num lar como numa nação deveria ser receber de Deus o seu programa". (...) "O de que necessitamos é de uma verda-

deira ditadura do Espírito Santo. Só uma grande experiência espiritual dos dirigentes das Nações, qualquer que seja sua classe social ou credo religioso, poderá transformar o mundo num baluarte de paz duradoura". A Europa, entretanto, não ouviu a voz do pregador evangélico, e a guerra se tornou, em fins de 1939, uma triste realidade.

Mas, BUCHMAN já havia viajado para os Estados Unidos, levando consigo um pugilo de técnicos em propaganda religiosa. Esta viagem em busca de uma garantia pessoal suscitou não poucas críticas e desaprovações. Durante a guerra, intensificou, com grande sucesso, suas atividades nos Estados Unidos, com o apoio de grandes personalidades, inclusive o Presidente ROOSEVELT. Os anos da guerra operaram profunda transformação no espírito de BUCHMAN e na estrutura do seu movimento. Em 1946, terminado o conflito, retorna êle à Europa, levando para lá o movimento, ampliado por novas características. Sua visão agora é universalista. Sua meta é a *conquista do mundo para a causa do Rearmamento*, que se apresenta como "a única e última esperança para a salvação do mundo". O vocabulário empregado pelos propagandistas adquire tonalidades universais. Fala-se do Movimento de Rearmamento Moral em termos de "esfôrço global", "esperança do mundo", "única revolução apta a transformar o mundo", "único desafio ao comunismo internacional", "ideologia que trará a paz a todos os homens".

A estrutura do movimento é reorganizada. Os dois centros mundiais Caux (Suíça) e Mackinac (Estados Unidos) adquirem importância capital para a propaganda. São os dois centros de irradiação das idéias de BUCHMAN. O Movimento se organiza em círculos concêntricos que, partindo de BUCHMAN, chegam até a periferia. No centro está BUCHMAN, a alma do movimento, a última palavra para todos os problemas. Nêle não se admite êrro. Suas direti-vas são a expressão da verdade, porque está "identificado com o Espírito que o conduz como conduzia os profetas da antiga Lei". Em caso de perplexidade diante duma inspiração do alto, a solução é saber "o que faria BUCHMAN se estivesse em nosso lugar". Os outros organismos são to-

dos subordinados ao fundador. O mais importante é o *Policy Team*, formado de quatorze colaboradores íntimos de BUCHMAN. São os herdeiros da mensagem buchmaniana, aquêles que, pelo íntimo contato que desfrutam com o fundador, estão aptos a interpretar o seu espírito. A seguir, vem o grupo chamado *The Central Team*, composto de sessenta e dois membros inteiramente dedicados à causa. Os membros permanentes constituem um grupo muito maior de pessoas que em Caux ou Mackinac ou nos diversos países do mundo operam como propagandistas. São membros especializados para trabalho nos diversos setores profissionais de cada país. A última categoria é constituída de pessoas que, sem viver exclusivamente para a propaganda, a ela dedicam, entretanto, o tempo de que podem dispor. Há, também, os amigos, *Friends*, os protetores, *Supporters*, e os *Contacts*. Essas três últimas classes são constituídas de amigos, admiradores, propapandistas, sem, porém, se inscreveram oficialmente no corpo dirigente. São as classes a que se têm filiado os católicos desejosos de colaborar.

No seu expansionismo universalista, o Movimento se interessa de modo especial pelas nações jovens da Ásia e da América, procurando principalmente desfazer nelas a má impressão, o ódio mesmo para com os antigos países colonizadores. Êste trabalho de expansão é feito por equipes volantes que percorreram os novos países saídos do colonialismo. São convidados êsses países a mandar seus jovens para os cursos de Rearmamento em Caux e Makinac, sem nenhum ônus para o seu erário. Outra novidade no após-guerra foi o trabalho de proselitismo entre os católicos. O desejo de todos de combater o comunismo facilitou a tarefa de aproximação. As revistas oficiais começaram a dar grande cobertura ao apoio que recebiam de alguns católicos influentes. Apareceram também fotografias do Santo Padre com frases sôltas, tiradas a esmo de seus discursos, aparentemente favoráveis ao Movimento.

Como se vê, esta estrutura complexa que forma hoje o arcabouço do Movimento difere bastante dos grupos familiares dos primeiros anos de seu funcionamento. Muitos perguntam: donde vem o financiamento para uma emprêsa de

tão vastas proporções? Para os que a admiram, seu sustento é um milagre de Deus. Os seus opositores, entretanto, não deixam de acenar para as intervenções secretas do mundo dos negócios.

OS MÉTODOS DE CAUX E A TEOLOGIA DA CONVERSÃO

A técnica de "conversão", usada em Caux e Mackinac, e que já tinha sido empregada por BUCHMAN nos anos de Oxford e Cambridge, abrange os seguintes fatores: pecado, arrependimento, conversão, remissão, retorno a Deus.

O "pecado" é uma das obsessões do Movimento. Os buchmanistas são "homens obsessionados pelo pecado". Entre as muitas definições dadas, a que mais se aproxima da cristã é a seguinte: "pecado é tudo o que nos separa de Deus e dos homens". Outras vezes, pecado é "o materialismo", "a enfermidade", a "ausência de responsabilidade". "o medo". Suas conseqüências são de ordem puramente natural e psicológica: preocupações, dores, diminuição de responsabilidade e de sucesso na vida. Certos atos atribuíveis à fraqueza humana são considerados pecados graves, como fumar, beber. Outros, como o divórcio, o *birth control*, são questões de critério pessoal. Não há nenhuma alusão a um Deus ofendido pelo pecado, não se encontram as categorias paulinas do pecado. Sua noção se situa dentro de uma teologia racionalista e liberal.

"Arrependimento": significa a "fuga da ocasião". Quem foge do pecado por náusea e quem foge por sincera busca de Deus tem o arrependimento. Certamente não é esta a noção de arrependimento ensinada pelo Concílio de Trento nem mesmo pelos reformadores protestantes.

"Confissão": foi sem dúvida um elemento de inegável valor psicológico introduzido por BUCHMAN em sua técnica de conversão. Grande parte do sucesso do Movimento à atribuído a êste fator. No início, as confissões eram obrigatórias, deviam ser públicas e incluir os pecados com tôdas as suas particularidades. Hoje, a prática está mitigada e não se confessam mais certos pecados íntimos. Hoje, a acusação é feita a algum membro permanente de modo vago e impreciso. A finalidade da confissão é descarregar sobre

outros o pêso de nossos pecados para nos sentirmos aliviados. Também aqui a noção de confissão divaga por estradas bem distantes da noção católica de confissão.

“Remissão”: ocupa um lugar central no processo. Na doutrina católica, a remissão inclui o desaparecimento do pecado e a recuperação da graça santificante e da filiação divina. No buchmanismo, a remissão é definida em termos genéricos, tais como “o milagre do espírito de Deus”, “a libertação da alma”. Nada se diz, porém, sôbre a natureza desta mudança íntima e desta ação divina. Nada se diz sôbre o sangue de Cristo, os méritos da sua paixão e morte. Descrevem-se, sim, e abundantemente, os efeitos da remissão. físicos e psicológicos: alegria, sentido de segurança. Esta remissão pode ser experimentada por quem tem religião e também por quem não a tem.

“Reparação”: o terreno aqui é mais seguro. O movimento exige verdadeira satisfação a quem ofendemos com nosso pecado. O valor da satisfação está em sua publicidade; porisso, o perdão deve ser pedido públicamente. As revistas do Movimento de Rearmamento Moral estão cheias de pedidos de perdão.

Passado por esta última etapa, o homem torna-se um “novo ser”, para começar uma vida inteiramente nova. Uma vida nova supõe naturalmente um conteúdo ideológico em que se estribe. BUCHMAN, porém, despreza as crenças dogmáticas. Para êle a teologia é fruto da experiência subjetiva. “Preocupai-vos com a prática, a teoria virá por si”, diz êle. É o subjetivismo protestante pôsto em prática quase que obrigatòriamente diante da heterogeneidade de crenças existentes dentro do Rearmamento.

Para que o néo-convertido viva no futuro uma vida nova, terá à sua disposição dois meios, um de ordem religiosa pròpriamente dita, a saber, a inspiração pessoal, e o outro de ordem ética, a saber, os quatro princípios absolutos.

A “inspiração pessoal” (*guidance*) baseia-se no pressuposto de que, estando a natureza humana inteiramente corrompida (doutrina protestante), não resta ao homem outra atitude senão esperar, em silêncio, a orientação do Espírito Santo. Êste ponto-de-vista conduz lògicamente à

rejeição dos dogmas fixos. Se Deus nos guia diretamente, não há necessidade de outras verdades além desta iluminação interna. Para BUCHMAN esta "inspiração constante e minuciosa de Deus é tão natural e poderosa como a corrente elétrica". Deus é um Ser que está à nossa disposição para nos ditar a sua vontade. Os seguidores do Rearmamento se acham tão convencidos disso que, durante o dia, quando surge alguma dificuldade, interrompem seu trabalho para ouvir a "voz" e escrever o que ouviram. Segundo BUCHMAN, a "inspiração divina deve transformar-se em experiência ordinária em nossa vida".

Os "quatro princípios absolutos" são os seguintes: absoluta probidade, absoluta pureza, absoluto sacrifício, e absoluto amor.

A "absoluta probidade" consiste em viver a verdade na sua plenitude. Opõe-se à mentira, à fraude, às restrições mentais. Este princípio exige a sinceridade nas confissões tão em voga no Movimento em todos os planos: na intimidade da vida conjugal, como nos segredos conchavos das relações internacionais.

A "absoluta pureza" consiste em nos voltarmos para Deus, que nos livrará da impureza e das tentações. O Movimento nada diz sobre a natureza do pecado sexual, nem o podia fazer, dada a heterogeneidade de crenças dos frequentadores de Caux e Mackinac. Para o maometano, o harém é uma situação normal, ao passo que o divorciado pode julgar não estar obrigado a mudar de conduta. E todos êstes, apesar disto, podem praticar a "pureza absoluta". Na realidade, o princípio não é absoluto; pelo contrário, assaz relativo.

O "absoluto sacrifício" opõe-se ao egoísmo. Negativamente, é a angústia que cada qual experimenta ao saber-se possuidor de bens que outros não possuem. Positivamente, é a preocupação pelos outros, a ponto de nos sacrificarmos por êles.

O "absoluto amor" negativamente nos faz fugir da ira, do ódio, da inveja. Positivamente, faz com que nos consagremos totalmente ao serviço dos outros.

Sob a capa de uma terminologia cristã, esconde-se uma doutrina haurida do protestantismo liberal e racionalista que predominou em algumas seitas. Há um grande vazio na doutrina do Rearmamento Moral: a completa ausência do outro mundo, da outra vida. Não se encontra referência à outra vida nem sequer no processo da "conversão" apresentado por BUCHMAN como base de "tôda a revolução cristã" que êle deseja trazer ao mundo. A vida humana, na concepção do Rearmamento, move-se dentro dos limites dêste mundo. Fala-se em castigos para o mal e recompensa para o bem. Mas, são castigos e recompensas puramente terrenas. Ora, a vida do além túmulo é o núcleo da mensagem religiosa do Novo Testamento. A eliminação dêste núcleo é uma verdadeira mutilação do evangelho. BUCHMAN tem a obsessão de transformar em paraíso terrestre um mundo que, nos desígnios de Deus, não tem outra função senão a de ser uma morada provisória do homem. "Refazer o mundo" é o grito desesperado de BUCHMAN e que o leva a mobilizar tôdas as pessoas e tôdas as fôrças. Não se podem negar os benefícios sociais produzidos pelo Movimento. Mas, deve-se dizer também que não é pròpriamente êste o plano de Deus para o mundo que saiu de suas mãos, não é esta a mensagem do Cristo Redentor.

BUCHMAN nutre sentimentos sinceros e ardentes para com a pessoa de Cristo. Mas, não se pode saber se acredita ou não em sua divindade, e no sentido de sua Redenção.

O Movimento faz questão de declarar que não é uma seita, uma igreja, um culto, mas apenas uma Ideologia sem credo específico, sem hierarquia e sem membros. Na realidade, porém, "um movimento que pretende, em nome da Bíblia e da Revelação, propor aos homens o caminho da salvação e da obediência ao Espírito Santo, é, queira ou não, um movimento religioso. Pode ser vago, impreciso, informe, mas é religioso".⁴ O Movimento de Rearmamento Moral, segundo DAMBORIENA, pode ser classificado como

⁴ SUENENS, *Que faut-il penser du Réarmement Moral?*, pág. 58.

uma organização protestante de tipo liberal que oferece aos adeptos uma grande elasticidade em questão de doutrina, sacramentos e cultos. Meditemos bem sôbre as seguintes declarações de teólogo protestante EMÍLIO BRUNNER, já citado: "As igrejas do tipo clássico já não servem para o século XX por causa de sua hierarquia e da fixidez dos dogmas. O Movimento de Rearmamento Moral é a igreja-tipo do futuro, que, ao término do século XX, nos liga ao cristianismo primitivo". Ora, o retôrno ao cristianismo primitivo foi o sonho inicial de BUCHMAN.

OS CATÓLICOS E O REARMAMENTO MORAL

A natureza e características protestantes do Movimento de Rearmamento Moral criam séria dificuldade para a participação dos católicos no mesmo. O direito canônico da Igreja regula as relações entre os seus membros e os membros de comunidades acatólicas. É verdade que não existe nenhuma condenação formal do Movimento para a Igreja Universal. O Movimento nunca nutriu um sentimento anticatólico; pelo contrário, nos últimos anos tem mostrado respeito e simpatia para com o catolicismo. Alguns acham que se pode enquadrá-lo no cânone 864, com uma "associação suspeita" que traz em si o germe do indiferentismo religioso. Um católico médio não está preparado para entrar num ambiente de misticismo *sui generis*, e sair dali inteiramente ileso na integridade de sua fé. Outros aplicam ao Movimento o cânone 1258, que trata da *communicatio in sacris*. Para êles, ouvir os discursos heterodoxos, participar dos hinos religiosos protestantes, submeter-se por vários dias, ininterruptamente, a preleções dos dirigentes protestantes do Movimento, tudo isto seria uma verdadeira *communicatio in sacris*, proibida pelo cânone. Há um "monitum" do Santo Ofício, de 1948, e outro de 1949, proibindo aos católicos a participação em "reuniões ecumênicas" das igrejas separadas por causa do perigo de indiferentismo religioso, isto é, o perigo de pensarem os católicos pouco avisados que, a não ser em questões de menor importância, todos pensam do mesmo modo. Nesse mesmo documento o Santo Ofício lembra aos católicos a obriga-

ção de expor "a doutrina católica, tôda e inteira", principalmente os pontos concernentes à justificação, à Igreja, ao primado romano, etc.

Ora, nas reuniões do Rearmamento em Caux ou Mackinac o católico não pode falar públicamente para expor ou defender a sua fé, pois o Movimento possui um número definido de doutrinas próprias que todos devem admitir. No mesmo documento, a Igreja permite a participação dos católicos em reuniões que não tratam de questões de fé e moral. Mas o Movimento de Rearmamento Moral quer ser uma "revolução cristã", um "cristianismo vivo", com uma doutrina "que é a verdade revelada pelo Espírito Santo", cuja segurança se funda "nas riquezas de Deus em Cristo Jesus". Pretende ser "parte do Corpo Místico" e "operar conversões". Tal movimento que se apresenta desta forma não pode deixar de tratar de questões de fé e moral. Em 1951, em novo documento, como veremos mais adiante, a Santa Sé explicitamente se referiu ao perigo de indiferentismo religioso do Movimento de Rearmamento Moral.

De uns vinte anos para cá, o episcopado de diversos países tem examinado com certa preocupação o sistema buchmaniano. De tôdas as declarações existentes pode-se deduzir que existe um verdadeiro consentimento (*consensus*) dos Bispos sôbre os perigos reais, de ordem dogmática principalmente, latentes no Movimento. Esta atitude da hierarquia tem sido silenciada pela propaganda oficial do Movimento. A primeira intervenção é de 15 de setembro de 1934, do Bispo de Strasburgo. Diz o seguinte: "Pela sua origem, caráter e tendência, não são católicos, não podendo os fiéis dar o próprio nome ao Movimento". Numa época de intensa propaganda, na Suíça, o Bispo de Friburgo escrevia: "O Movimento de Oxford é um movimento protestante que não dá importância a realidades que sabemos serem necessárias à nossa salvação. Logo, não podemos nos inscrever nesse Movimento".

Pelo mesmo motivo o episcopado britânico e irlandês proibia também a participação dos católicos. O primeiro documento oficial do após-guerra, na ocasião em que BUCHMAN voltava à Inglaterra, é assinado por todo o episco-

pado britânico e diz, entre outras coisas: "O Movimento de Rearmamento Moral está impregnado de indiferentismo (...) nenhum católico pode participar dêle e cooperar com êle". Em 1948, de novo a hierarquia inglesa voltava ao mesmo assunto, em face das simpatias crescentes que os católicos começavam a nutrir para com o Movimento. No triênio 1947-50, a simpatia dos católicos aumentou e muitos dêles, pessoas de relêvo na sociedade, se tornaram até propangandistas. Nas peregrinações à "Montanha inspirada de Caux" viam-se até sacerdotes e religiosos. Nas revistas oficiais dêsses anos, BUCHMAN é comparado a um São Francisco de Assis, um Santo Inácio de Loiola, ou a outros heróis religiosos da história.

Diante dêsses fatos, que deixavam perplexos os católicos, de novo se fêz ouvir a voz da hierarquia católica. Em Colônia é o Cardeal FRINGS que escreve, em 1950: "Os princípios sôbre os quais se apoia o Rearmamento não vão além de um vago e perigoso sincretismo religioso". O Cardeal SCHUSTER, de Milão, enfrentando intensa propaganda em sua diocese, escrevia no mesmo ano: "O Movimento é de origem e sistema protestantes, encerra um pietismo subjetivo, de autêntica marca protestante". Nos mesmos têrmos se expressava em 1952 o episcopado belga, tendo à frente o Cardeal VAN ROEY. Mas, o que de fato por essa ocasião abalou a confiança dos católicos no Rearmamento foi a obra de Monsenhor SUENENS, bispo auxiliar de Malines, intitulada *Que faut-il penser du Réarmement Moral?* Obra científica, com documentação abundante, representa, segundo o depoimento de uma revista francesa, o estudo mais sólido publicado sôbre a questão. Sem deixar de reconhecer os grandes méritos de BUCHMAN, SUENENS chegava à seguinte conclusão: "O Movimento é não sômente religioso — logo, não meramente ético — mas, de inspiração protestante, representando para os católicos um real perigo de indiferentismo religioso, de passivismo espiritual, de iluminismo e de messianismo temporal". E dizia mais: "Para o católico, a questão está resolvida: qualquer participação no Movimento de Rearmamento Moral é incompatível com a lógica de sua fé e com a sua plena fide-

lidade à Igreja". O Movimento ignorou oficialmente a publicação da obra de SUENENS e suas conclusões e acentuou ainda mais sua propaganda no campo católico, propaganda esta correspondida por um renovado entusiasmo de líderes católicos pelo Rearmamento Moral.

A primeira intervenção oficial da Santa Sé, no caso, data de 1951, em forma de "Monitum" distribuído secretamente aos bispos. Dizia o seguinte:

1. Não é conveniente que os sacerdotes seculares e regulares (e muito menos as religiosas) participem das reuniões do Rearmamento Moral.

2. Nos casos em que especiais circunstâncias tornem oportuna tal participação, devem os sacerdotes pedir a permissão do Santo Ofício. Esta licença só será dada a sacerdotes doutos e prudentes.

3. Não convém que os fiéis assumam cargos de responsabilidade dentro do Rearmamento Moral, e muito menos que se inscrevam nos assim chamados *Policy Teams*.

O "Monitum", como se vê, é cauteloso, não quer ferir susceptibilidades, mas esta mesma cautela já é por si suficiente para orientar um católico que tenha o *sensus Ecclesiae*. Em 1955, o Santo Ofício publicou de novo o mesmo "Monitum", acompanhado, porém, de uma carta do Cardeal PIZZARDO, secretário dessa Sagrada Congregação. Nessa carta, dizia o Cardeal, entre outras coisas: "Esta Santa Congregação se admira de ver alguns católicos, e mesmo eclesiásticos, buscarem alguns fins morais e sociais, louváveis em si mesmos, no seio de um movimento que não possui o patrimônio da doutrina, da vida espiritual e dos meios sobrenaturais de graças que são próprios da Igreja Católica. Não se pode calar o perigo de sincretismo religioso que não poucos vêem no Rearmamento Moral".

Não poucos católicos, diante desta nova advertência da Santa Sé, desistiram de colaborar com o Movimento, num gesto edificante de obediência às normas da autoridade católica. Mas, não foi esta a atitude geral. Pelo contrário, aos simpatizantes católicos europeus uniram-se agora os católicos vindos das Filipinas e da América Latina, principalmente do Brasil, convencidos de que o Movimento de

Rearmamento Moral, não só não os prejudica, mas até os "ajuda a compreender e viver mais intensamente a vida de sua igreja". Na Europa se pode citar o exemplo de GABRIEL MARCEL, a fazer intensa propaganda do Movimento.

Foi então que, numa reunião entre alguns sacerdotes católicos e dirigentes do Movimento, se fez um pacto mediante o qual este se comprometia a suprimir tôdas as palavras de índole religiosa e teológica que pudessem causar espécie aos católicos, e permanecer num plano meramente ético de regeneração do mundo. A proposta foi aceita pelos dirigentes do Movimento, mas não foi observada. Aliás, não seria a mera supressão de palavras que haveria de mudar na mente dos dirigentes suas idéias vagas e imprecisas sôbre importantes verdades cristãs. Por essa ocasião, apareceu um livro que veio lançar maior confusão ainda no campo católico, no tocante à colaboração dos católicos. Trata-se do livro do escritor católico inglês ARNOLD LUNN, intitulado: *Enigma: A study of Moral-Re-Armament* (Londres, 1957). A obra, usando uma documentação bastante pobre, comparada com a de SUENENS, é uma apologia do Rearmamento e da participação nêle dos católicos, incluindo mesmo censura à estreiteza de visão da hierarquia católica. Nem é preciso dizer do grande uso que fez desta obra o Movimento de Rearmamento, para sua propaganda entre os católicos. Fazia-se mister nova tomada de posição da Igreja, já que o livro de LUNN aumentava ainda mais a confusão reinante. Foi o então Monsenhor MONTINI que, em 1957, num congresso mundial do apostolado leigo em Roma, declarou, numa alusão clara ao Rearmamento: "Há alguns espíritos generosos que, baseados em algum precioso fragmento de moral natural, ou de reminiscência bíblica ou filosófica (...) se entregam à pregação da conversão do mundo. São apóstolos de si mesmos, não têm outra verdade a comunicar do que a que é medida pela sua capacidade humana. Falta-lhes o "mistério" que deve informar uma verdadeira missão de salvação. Falta-lhes o Cristo verdadeiro, o Deus verdadeiro. Sua missão já não é mais religiosa, é humana: não é mais uma continuação do Cristo, é uma contingência humana".

Em 1957, na edição de 9-10 de dezembro, o *Osservatore Romano* publicava um artigo intitulado "A proposito del Riarmo Morale". O artigo se revestia de muita importância, pois emanava, segundo alguns, das esferas vaticanas e levava em conta todos os debates havidos até então. É um artigo longo e pormenorizado, que, com simplicidade e clareza, traça a história do Movimento de Rearmamento Moral, desde suas origens. Nêle se lê a seguinte observação, que serve de orientação para os católicos: "Falou-se e escreveu-se que os católicos podem, sem preocupação, colaborar com o Rearmamento Moral ou dêle ser membros. Não se pode afirmar tal coisa sem sérias reservas". Continua o artigo, no seu intuito de esclarecimento: "Uma colaboração num plano de moral meramente natural poder-se-ia admitir quando não houvesse perigo de indiferentismo ou sincretismo religioso. Mas, o Movimento de Rearmamento Moral é claramente religioso e de índole protestante. É uma ideologia de natureza diversa da ideologia católica". Para prova disto, podem-se aduzir as seguintes citações tiradas de documentos recentes da organização buchmaniana: "A nossa doutrina é a verdade que o Espírito Santo revelou. A nossa segurança reside nas riquezas de Deus em Cristo. A nossa finalidade é estabelecer o reino de Deus no coração de todos os homens". Estas citações provam claro a índole religiosa do Movimento de Rearmamento Moral. Diante disto, a Igreja tem que se mostrar severa. Por isso, conclui o artigo, "não se vê como um católico possa trabalhar, especialmente como membro permanente, no Rearmamento Moral sem sérios inconvenientes práticos e perigosas confusões no campo doutrinário. A integridade da doutrina é para o católico um precioso e inalienável dever, principalmente quando êle deseja entregar-se a uma obra de tanta monta, qual seja a de refazer o mundo".

CONCLUSÃO

Creemos ter, com êste resumo que fizemos dos artigos de DAMBORIENA publicados na *Civiltà Cattolica* em 1958, fornecido aos leitores de SÍNTESE abundante material

para que possam formular o seu julgamento a respeito do Movimento de Rearmamento Moral, e orientar a atitude a tomar diante dos insistentes convites que o Movimento faz aos católicos para que colaborem com êle. O católico tem a sua mensagem de salvação para o mundo. É a mensagem de Cristo interpretada e apresentada aos homens pela Igreja que Cristo instituiu para ser a continuadora de sua missão na terra. Um católico autêntico de tal modo acredita no dinamismo da vida cristã, intensamente vivida, que não pode conceber uma salvação para o mundo fora do plano traçado pelo próprio Deus, o plano cristão apresentado aos homens em sua totalidade. O nome de Católica que foi dado à Igreja tem a sua origem no fato de primitivamente a Igreja, mesmo a custo de perseguições ou de defecções de muitos de seus filhos, defender a totalidade da doutrina. A mensagem evangélica não pode ser diminuída, alterada, mutilada, sob pena de não ser mais a mensagem de Cristo, mas uma mensagem meramente humana. Ora, um católico que acredita nisto não pode, em sã consciência — “sem sérias reservas” —, colaborar com um Movimento que se apregoa cristão sem se preocupar com a integridade da doutrina cristã e que posterga aspectos essenciais da mensagem cristã. Só o cristianismo pode salvar o mundo. Mas o Movimento de Rearmamento Moral, ao apresentar-se como o único meio de salvação da humanidade, lança, porisso mesmo, a confusão nos espíritos, dando a entender ser êle o novo evangelho do século XX. Não foi sem razão que EMILIO BRUNNER, teólogo protestante, chamou o Movimento de Rearmamento Moral “a Igreja-tipo do futuro”, confirmando a conclusão de SUENENS: “o Rearmamento Moral, queira ou não, é um movimento de índole religiosa”.